

O adestramento do cavalo d'armas

Capitão HUGO M. BETHLEM

(Continuação do n.º anterior)

5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 7

Assunto	Ensinamentos
Da obediência às pernas. Impulsão. Espora.	<p>Da mesma forma que o cavalo, precisa ser leve na mão, necessita ser leve nas pernas. Interessa que ele desde o primeiro dia de trabalho, responda com precisão e cada vez mais <i>instantaneamente</i>, às ações das pernas. O cavalo, deve atingir o ponto, em que a simples pressão das barrigas das pernas, seja capaz de o reunir, dando-lhe disposição para partir, logo que a mão se descerre, assim como, determine a amplitude de suas andaduras, quando em movimento, conservando porém, a mesma atitude geral e mesmo ritmo. E' essa disposição ao movimento, fruto da reunião das forças do cavalo sob a massa, por determinação do cavaleiro, (engajamento), que se chama impulsão. Dentro das ligações de nosso raciocínio, lembramos que ela só se verifica quando há ausência de reações e quanto mais impulsionado o cavalo, mais leve e brilhante se apresentará. <i>Assim, impulsão é força em estado latente</i>; força adquirida pelo trabalho e reunida pelas ajudas, sob o controle do cavaleiro. Desta forma, a própria imobilidade perfeita, com o cavalo leve e balanceiro colocado por si mesmo, demonstra impulsão em estação. Voltando à obediência às pernas, frizâmos que a pé firme ou em marcha (objetivo que se deve procurar alcançar mesmo no cavalo novo), a pressão de uma perna deve produzir o deslocamento da garupa para o lado oposto ao mesmo tempo que essa pressão, noutra sentido (indicação da</p>

frênte para a retaguarda), possa também produzir o movimento para a frente. Sob esta impressão, compreende-se logo, e é imperioso *não esquecer nunca* em sua aplicação, que a espora, é a *última expressão da perna*. Será seu emprego oportuno, que determinará a maior fineza do cavalo às pernas, e nos entregará pelo aplicação do efeito de conjunto todas as forças do cavalo, em absoluta submissão, em nossas mãos.

Do emprego da espora. Ação primordial da espora e do chicote.

Desde o início da educação do cavalo, deve ser preocupação do cavaleiro, habituá-lo com a espora. Existem as lições especiais, para familiarizar o cavalo com esta, desde, o emprego da espora embolada em pano, passando pela espora sem rosetas, retirando as cócegas do animal, se preciso até com a ajuda do cabeção de guia (R.Eq.). O segredo do êxito está, porém, principalmente, no firme emprego da perna, independente de movimentos involuntários, que dá ao cavalo, pela precisão, uma sensação de calma e domínio e exclue a nervosidade. Força é convir também, que a sequência do trabalho depende muito do temperamento e sangue do animal. E' básico, portanto, que para um judicioso emprego das esporas, o cavaleiro esteja de *posse das ajudas*, o que só consegue por intensivo trabalho, capaz de trazer uma completa fixidez, pelo assento, e inteira independência das mãos, ante as reações do animal. Desde cedo, portanto, como dizíamos, o cavalo deve estar apto a sentir a espora em contacto com o pelo, sem nervosismo, abanos da cola, mascar violento, rutura brutal da andadura. Pelo contrário, a continuidade intensiva e gradual do contacto das duas esporas sobre o pelo deve produzir a maior calma. A isto, jogando o cavalo sobre a mão e respondendo este com a leveza, em imobilidade absoluta, corresponde o *mais elevado grau de domínio*, chamado o *efeito de conjunto sob a espora*. E' bem verdade, que este em sua aplicação, reúne outros detalhes mas assim exposto, serve para auxiliar nosso raciocínio. Para atingir este alto grau de domínio, é importante que desde as primeiras lições do cavalo, mormente porque as esporas são a última expressão das

pernas, o cavaleiro seja apto a reunir seu cavalo sob as pernas e habituá-lo a fazer corretamente, obrigando-o a se manter o mais possível engajado, o que determinará o máximo de impulsão em cada fase. Será a aplicação conscienciosa do trabalho de "demarrage". Focalizaremos este em outra ficha. Aqui aproveitamos para firmar bem, ante o exposto, que a espora reúne o cavalo, enquanto que o chicote o distende. A ação deste tende a arremessar o cavalo na marcha para a frente.

5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 8

Assunto	Ensinamentos
Da "demarrage".	<p>A "demarrage" que não tem em português tradução numa só palavra, consiste num conjunto de operações que na prática se desencadeiam em tempo extremamente curto: toda vez que o cavalo, parado e calmo, está apto a partir, a posição imposta pelo cavaleiro permite a ação das pernas; estas agindo por pressão, que aumenta de intensidade, joga o cavalo sobre a mão, que cerra os dedos; este cerrar, é como uma barreira, que o cavalo encontra pela frente, impedindo o movimento, sem anular porém, o impulso da massa que se deslocou da retaguarda: isto fará aumentar a sua força viva, como a agua que repentinamente se repressa; o descerrar oportuno dos dedos, determina a rutura do equilíbrio, tornado mais instavel pela reunião das forças sobre a mão, e como um dique que se rompesse, o cavalo se lança para a frente, fluente e impulsionado. Esta combinação de movimentos exige um tato mais apurado, para que as ações não se contrariem: a ação das mãos, sendo reguladora, deve valer em intensidade à das pernas, cedendo com precisão, quando sente que o cavalo se reuniu sob essas, direito e sem contrações. A sensação se verifica por um prenúncio de leveza, que se executa inteiramente, logo que o cavaleiro cede os dedos. O cavalo parte calmo e leve, balanceiro sustentado por si mesmo.</p>
Quando começa esse trabalho.	<p>A reunião do cavalo sob as pernas, deve começar o mais cedo possível. A princípio os resultados são mínimos, porque ao cavalo falta ainda a flexibilidade necessária para dispor de seu peso, sem modificações de attitude, mas aos poucos vai se tornando mais sensível, até atingir o gráu máximo de engajamento parado, da reunião de forças em estado latente, prontas a romper com qualquer intensidade. E' isto o chamado "rass embler" do cavalo de equitação superior e que podemos definir, de "impulsão em estação". Com o rassembler, só tomaremos contacto</p>

mais tarde, assim como com o efeito de conjunto sob a espora, aplicável a cavalos mais adiantados e cavaleiros em plena posse das ajudas. A "demarrage" porém, será motivo de nossas preocupações de todo o instante em nossos cavalos, para aumentarmos nosso domínio sobre os mesmos e aperfeiçoar-lhes a impulsão e brilho de andaduras. Será ele, nosso primeiro objetivo no trabalho em linha reta, para conseguirmos em face de seus resultados cousas mais tentadoras. Com ele teremos nossos cavalos leves na perna e por conseguinte leves na mão. Pela aplicação desse trabalho veremos, que dentro em pouco, todas as solicitações que fizermos aos nossos cavalos lhes chegarão com muito maior presteza e precisão, o que permitirá que os mesmos, pela pronta obediência, se tornem cada vez mais agradáveis de montar e mais fáceis em utilizar. O trabalho se inicia até um certo grau de perfeição, do alto para o passo e do passo para o alto, desenvolvendo-se então, uma sequência inversa da precedente. Depois do passo para o trote e do trote para o galope, conseguindo que o cavalo parta ao galope sem alongamento da andadura, calmo e sem alterar a posição do balanceiro e a leveza. Mais tarde ou alternadamente do alto para o trote e do trote para o alto; do passo ao galope e do alto ao galope, até que ele apresente a mesma naturalidade e leveza no partir e no parar. Em qualquer andadura e situação, o processo é o mesmo e os princípios são imutáveis. Tudo depende de um maior tato e lógica na seriação das exigências, que vêm sempre do simples para o complexo. Voltamos a lembrar que a *leveza* é sempre o penhor seguro e infalível de que o trabalho é bem aplicado.

5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 9

Assunto	Ensinamentos
Do cavalo reto. Como se endireita o cavalo.	<p>Uma das maiores dificuldades equestres e pela vitória da qual luta sempre o cavaleiro, consiste em manter e conservar, sem interrupção, o cavalo bem reto, de espaldas e de garupa. Esta é condição essencial para que o animal esteja em equilíbrio. Com efeito, todos os cavalos são mais ou menos recurvados para um lado, principalmente o, esquerdo, quer por mal congênito, quer por máos hábitos incutidos na doma e na iniciação — entre eles ter sido sempre tratado apenas numa diagonal. A curvatura tem como consequência, transportar o peso sobre uma espádua e fazer avançar em arco a anca oposta. O animal assim está favorecido para se defender ou pelo menos para resistir a certas ações do cavaleiro. Deve-se procurar corrigir desde o primeiro momento e, muitas vezes, durante todo o adestramento é motivo de preocupações e atenções especiais. O meio mais facil e prático para corrigir, é ensinar o cavalo, a tomar, à vontade do cavaleiro, a curvatura inversa. A insistência hábil em contrariar sua tendência quer parado, quer em movimento para a frente ou para traz, se procede portanto, máo grado o trabalho normal, em todas as fazes e momentos do adestramento e se <i>executa unicamente pela ação das mãos</i>. Quem endireita o cavalo, em princípio é a rédea de abertura, sem que o cavalo dobre o pescoço. E' preciso se esforçar o cavaleiro para em absoluto, <i>não auxiliar com as pernas nem empregar o efeito diagonal de rédeas</i>, que agindo sobre o post-mão o desloca primeiro, o que permite, cessando ação, que ele volte a posição anterior, sendo por conseguinte, <i>absolutamente errado</i>, mobilizar a garupa em torno do antemão para endireitar o cavalo. E' a rédea de abertura — que quando muito se transforma em diréta — que sobrecarregando com o peso do pescoço a espádua do lado em que age, obriga que a mesma se desloque com o antemão para a linha da garupa, que se mantém imóvel. Desta forma anula a curvatura do cavalo, o que facilita ao</p>

mesmo a justa repartição do peso sobre os 4 membros, estabilizando o equilíbrio.

descida de mão de perna. Munção de andaduras e velocidade de trabalho em linha reta. Recuar.

O segundo objetivo a atingir em equitação, com o aprimoramento da impulsão, conseguida pelo emprego continuado da "demarrage", é que o cavalo dispense o mais cedo possível as ajudas do cavaleiro. Isto é, a pé firme ou em marcha, ele deve conservar a posição dada pelo cavaleiro, enquanto este não a modificar, assim como o mesmo brilho e fluência de atitude. Para isto o cavaleiro, começa por preparar sua montada, para ser capaz de dispensar as ajudas. Experimenta desde cedo, logo que ache possível e a todo o momento, a fazer descidas de mão e de pernas. Faz descidas curtas e incompletas a princípio, mas desde que o pescoço baixe, que a cabeça perca a sua fixidez ou que o equilíbrio se perturbe ele se apressa a intervir, sem precipitações, para se opor a toda alteração, na atitude geral do cavalo, que deseja manter. Chega-se no entanto a obter, longas descidas de mão e de perna. É assim que o cavalo aprende a *se sustentar por si mesmo*. É utilíssimo durante todo o trabalho, as variações de andadura e de velocidades, em linha reta, que reúne uma série de vantagens para atingir os diversos objetivos em mira. Do alto ao passo, ao trote e ao galope, e ao recuar, e todos os movimentos inversos e suas combinações, inclusive o alargar e encurtar as andaduras, devem ser empregados a todo o instante, desde o início e por todo o desenrolar do adestramento. Para recuar, o cavaleiro aplica todos os princípios da marcha para a frente: reúne o cavalo, pede a leveza, e mantendo-o bem direito, inicia o movimento por ações alternadas de rédea direta aplicadas em conjunto; auxilia o movimento com o peso do corpo. O movimento começa com a elevação do posterior, passo cadenciado e apoiado, sem precipitação e leve. Não se abusa desse movimento: arruina os jarretes.

5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 10

Assunto	Ensinamentos
As rédeas. A rédea intermediária. Espaduas a dentro.	<p>Qualquer uma das rédeas típicas (vide R. Eq.), que aplicada corretamente, percorre a gama de ações e intensidades e vem desde a abertura, passando pela direta, termina em contrária de oposição, representa em qualquer um dos pontos de seu percurso, uma <i>rédea intermediária</i>. Com efeito, desde que o cavaleiro, é senhor das ajudas e dos princípios equestres, aplica as rédeas, correta e oportunamente, durante o desenvolvimento do trabalho, nunca, no entanto, uma mesma rédea num mesmo cavalo é rigorosamente aplicada num mesmo ponto — ela tem uma certa flutuação que a prática e o bom senso demonstram. A propriedade de saber aplicar, sem alterações sensíveis, qualquer uma das rédeas, transformando-a com tato e oportunidade, de abertura, em direta e contrária de oposição, é que permite ao cavaleiro, as ações intermediárias que determinam o trabalho de <i>espaduas a dentro</i> — segredo de toda a arte equestre, como lhe chama Salins — O cavalo que executa um oito de conta, com correção, em espaduas a dentro, em qualquer andadura, atingiu o coroamento da primeira parte de seus trabalhos. Daí em diante, é a busca apenas de aperfeiçoamento e enriquecimento de seus conhecimentos. E' sem dúvida o trabalho de espaduas a dentro o mais completo flexionamento durante o adestramento. E' preciso firmar, que sendo um flexionamento é <i>um meio</i> e não é o único, embora indispensável. Chama-se "<i>espaduas a dentro</i>", porque o cavalo mantém sempre, o peso da massa sobre a espádua de dentro do circulo, o posterior de fora, sobre-pista o de dentro, o que determina, que a pista descrita pelos posteriores seja menor que a descrita pelos anteriores, não devendo, nunca, se adiantar à linha dos anteriores. Durante todo o trabalho o cavalo deve se manter leve, impulsionado, no mesmo ritmo e velocidade. Quem determina esta volta nesta atitude é a <i>rédea contrária de oposição</i> (5.º efeito. R. Eq.) que flutuando em posições intermediárias, entre</p>

a rédea direta e a citada, obtem por ações alternadas e sob a manutenção da impulsão pelas pernas, que o cavalo complete a volta, da forma porque foi descrita. A ponta do chanfro fica para fora da curva e o cavalo se mantém meio encurvado, com a ponta da anca do mesmo lado, também para fora. Obrigatoriamente, o posterior deste lado, transpista o outro. *O máximo desse movimento é a pirueta dirêta*, que é à volta completa sobre a garupa, em que o posterior de dentro gira no mesmo lugar ou marca passo, enquanto o outro transpista, inteiramente, perfazendo, pelo menos, um arco de círculo de 180°. Como a posição precede a ação e a das pernas vem antes que a das mãos, a perna de fora corre para traz da cilha como reguladora, sustentando a garupa e a de dentro ativa, mantem o movimento pela impulsão. Quando esta mesma rédea, partindo da *ação dirêta*, atinge posições intermediárias, entre esta e a de abertura, e a perna determinando a posição e a ação na mesma atitude anterior, mantem a mesma curvatura do cavalo, ele faz uma volta para o mesmo lado, sendo que os posteriores acompanham a pista traçada pelo antemão, num círculo maior o de dentro transpistando o de fora. *O máximo desse movimento é a pirueta inversa* — em que o cavalo gira sobre os anteriores, deslocando a garupa, por transpistamento, num arco de círculo pelo menos de 180° no mesmo lugar. O movimento completo é o que determina o oito de conta ao passo e ao trote, com a rédea de um só lado e uma só posição e ação das pernas, que partindo da rédea dirêta, assume posições intermediárias até a rédea contrária de oposição, fazendo cada círculo num desse empregos de rédea.

5.º R. C. D.

Instrução de equitação de Officiais

Ficha n.º 11

Assunto	Ensinamentos
Treinamento para aplicação das esduas a dentro.	<p>A seqüência aconselhada, para ir dispondo o cavalo a compreender as espaduas a dentro, consiste inicialmente, em torná-lo absoluto conhecedor das rédeas em todas as andaduras, respondendo com perfeição às solicitações. Assim o cavaleiro insiste em que sua montada execute voltas e meias voltas com a rédea de abertura e diréta sem se atravessar, balancieiro sustentado e leve e o mais cedo possível dispensando a continuidade das ajudas. (Dada a indicação o cavalo executa, mantendo o brilho das andaduras, ou seja se sustentando por si mesmo). O mesmo com a rédea contrária de opposição, em que as voltas devem ser feitas, com o transpistamento do posterior e com os característicos anteriores. Assim o cavaleiro procura obter, que seu cavalo deixe o mais possível a pista ao passo e depois ao trote, pelo efeito da rédea de abertura completando a meia volta, com a transformação dessa em rédea diréta. A outra é reguladora, o cavalo não pode entortar o pescoço para o lado da ação, nem jogar bruscamente a espadua para dentro da curva, ou virar a ponta do chanfro para fora mantendo a espadua para dentro, atravessando em consequência a garupa. Os posteriores devem acompanhar a mesma pista traçada pelos anteriores, esboçando o transpistamento. Em seguida, deve o cavalo poder sair da pista, primeiro ao passo e depois ao trote, sob a ação da rédea de abertura que pela diversas posições intermediárias faz que ele complete a meia volta invertida, na atitude final de contrária de opposição. Desde o momento em que ela vai se transformando assim, a ponta do chanfro fica para fora, o cavalo se arqueia para dentro da curva e o posterior de fora, transpista o de dentro. A cabeça se sustenta por si mesmo, o cavalo leve, dispensando também o mais cedo possível a continuidade das ajudas. Outro movimento consiste em sair o cavalo da pista, com a rédea diréta e completar as mesmas figuras, nas mesmas atitudes descritas. Outro</p>

ainda é sair da pista, com a rédea contrária, que se transforma em posições intermediárias em diréta, completando assim a meia volta invertida. Outro, sair da pista ainda com a rédea contrária, mas então de opposição e completar a meia volta com a mesma. Variando essa serie de ações combinadas, primeiro ao passo, depois ao trote curto sentado e finalmente ao galope, o cavalo começa a apresentar uma extrema flexibilidade que se sente logo pelo aumento da impulsão e domínio, tornando-o desde logo extremamente agradável de montar. *O coroamento desse trabalho*, consiste em executar o oito de conta perfeito, como já dissemos, *com uma só rédea ativa* que se transforma a cada momento, passando por todas as posições intermediárias, desde a de abertura a contrária de opposição, todas elas apenas, dando indicação e o cavalo, se mantendo por si mesmo. *Volto a lembrar que a posição precede a ação e as de perna as de mão.* Assim as pernas quando se ajustam a de fóra é da posição (ação passiva, reguladora que sustem a garupa), a de dentro na impulsão (ação ativa mantedora — dentro do ritmo da andadura — do movimento). O cavalo que completa este movimento, leve, calmo, impulsionado, sem se atravessar e se jogar para dentro ou fora da volta, está apto a enfrentar qualquer exigência do trabalho futuro, quer no picadeiro ou no salto. *E' um cavalo dominado.* Importa lembrar sempre, porém, que esse trabalho é *um meio* e não um *fim*. Portanto tendo em vista sempre a franqueza no movimento para a frente, apoiado e calmo, executar o trabalho citado com discrição em tempos breves, contentando-se com pequenos resultados, e após cada serie lançar o cavalo sempre para a frente, num trote largo, calmo e equilibrado. E' preciso ótrossim, nunca esquecer, que o cavalo tem que estar sempre na frente das pernas, e importa constantemente verificar se a ação franca das pernas, lança-o decisiva e calmamente sobre a mão, respondendo às solicitações com a leveza.

5.º R. C. D.

Instrução de equitação de Officiais

Ficha n.º 12

Assunto	Ensinamentos
Partidas a galope.	<p>Para o desenvolvimento do trabalho, o cavalo, desde cedo, deve saber partir ao galope, pelo co-mando das ajudas e não sómente pela ruptura do equilíbrio, em face do aceleramento do trote — meio aliás condenado — (R.Eq.). No entanto, as partidas certas ao galope exigem um certo adeantamento do cavalo, que precisa estar mais senhor das ajudas e mais habituado a se reunir sob as pernas do cavaleiro. Apesar disso, porém, o cavaleiro, mantendo-o sempre em círculo e aplicando os princípios da “demarrage” consegue muito rapidamente, do trote, partidas ao galope calmo e fluente, com o animal sustentando a cabeça por si mesmo. Para isso, favorece o seu cavalo, fazendo-o conservar pela ação da rédea diagonal, a ponta do chanfro ligeiramente para fora da curva; dispõe o seu próprio peso para traz e para fora, mantém a perna de fora na posição atrás da cilha sustentando a garupa, e a de dentro assegurando a impulsão, na frente da cilha fica pronta a agir, — (tudo isto constitui a posição). — As pernas, em seguida, reunindo francamente o cavalo sob a massa, atiram-no sobre a mão que cerra os dedos, (demarrage), predispondo-o a partir; a perna da impulsão num gesto de “pinçelada” pede o movimento, os dedos se descerram e o cavalo parte certo. (Toda esta decomposição sofre intervalos mínimos de tempo, como a prática demonstra). Se o cavalo parte errado, precipita-se, desorganiza-se, levanta a cabeça, foge ao apoio, acelera o trote e não parte: retomar o passo e se preciso o alto; descontraí-lo e repetir a operação, indo primeiro ao trote. Dentro em pouco tempo o cavalo aprende a partir em qualquer pé, do trote bem curto e finalmente do passo, seguindo a mesma técnica. Será importante então que ele se habitue a alongar e encurtar o galope, sem alterações em sua atitude (ritmo, leveza, sustentação do balanceiro, apoio), mantendo-se em linha reta ou em círculo, <i>sem se atravessar</i>. Lembremos mais uma vez, que em qualquer andadura e si-</p>

tuação, é em princípio, a rédea de abertura que endireita o cavalo. Nunca os efeitos diagonais ou ações de perna).

Das partidas ao galope, do alto absoluto. Objetivos desse trabalho.

As partidas ao galope, do cavalo parado, além de constituir um destacado grau de adestramento, é também, um magnífico meio de aumentar o domínio sobre o animal, facilitando o seu maior engajamento. Mesmo no cavalo, que se destina especialmente ao salto, elas se justificam e, muito especialmente, no cavalo d'armas, que deve ser exímio neste movimento e no seu inverso ou seja passar do galope ao alto. O cavaleiro, quando no desenvolvimento de seu progresso, atinge um ponto em que é senhor das ajudas, precisa cada dia, aperfeiçoar os meios de exigir os movimentos de sua montada. Assim, no desenrolar do adestramento do seu cavalo d'armas, no trabalho ao galope, deve estar apto a conseguir a partida do mesmo *no talão dirêto*. De fato, há duas maneiras de partir ao galope: *no talão inverso ou contrário* e *no talão dirêto*. A primeira forma, em última análise, consiste no processo anteriormente descrito, meio elementar de se obter o movimento, aplicando-se entretanto, pelo progresso do cavalo, para pedir o galope partindo do alto. É o meio normal de obtê-lo, do cavalo novo e, mais fácil de realizar pelo cavaleiro, que ainda não atingiu um pleno domínio das ajudas. Ao solicitar o galope por esse processo, devido a ação diagonal, o cavalo ligeiramente se atravessa, jogando a garupa para dentro, especialmente, se é para o lado em que é mais torto, ou menos direito. Contraria-se portanto, em parte, o princípio de partir certo e de manter sempre em todo o desenvolver de qualquer trabalho, o cavalo réto. A partida *no talão dirêto*, se procede sob a ação da rédea dirêta e perna do mesmo lado, sendo a outra, a da posição. O cavaleiro reúne o seu cavalo, (demarrage), age com a perna, os dedos se descerram e o cavalo parte. *Parte réto*. Note-se no entanto, que ele só executa assim, o movimento, quando o "rassembler", lhe é familiar. Seu engajamento é, portanto, extremamente elevado.

Continua